



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

A trajetória dos Congos da Lapa (PR): mudanças e permanências de uma celebração secular

Paula Piva Linke¹

Sílvia Helena Zanirato²

Resumo: Em muitos momentos o Estado do Paraná negou a presença de escravizados e desconsiderou sua cultura, valorizando elementos de origem europeia. Com vistas a abordar aspectos da contribuição da presença negra no Paraná é que esse texto se apresenta. Em destaque, celebração ocorrida na cidade da Lapa, um local que nasceu do tropeirismo e que muito se valeu da mão-de-obra escrava. O texto busca acompanhar as transformações ocorridas na celebração, as mudanças e permanências no modo de encenar a Congada e tem como objetivo questionar as razões que motivam essas transformações.

Palavras-chave: Celebração; Cultura; Congada.

Abstract: The State of Paraná in Brazil denied, in several moments, the presence of enslaved people and disregarded their culture, valuing elements of European origin. This texts addresses aspects of the contribution of the black presence in Paraná is. We highlight the celebration held in the city of Lapa, a local which was born with tropeirismo and had much slave hand labor. The text seeks to monitor the transformations occurred in the staging of the Congada, the changings and maintenances in how the Congada is staged, and aims to question the reasons which motivate this transformations.

Keywords: Celebration; Culture; Congada.

Pensar as tradições e manifestações culturais inseridas na dinâmica urbana e na modernidade ou pós-modernidade exige um olhar detalhado para os elementos que as compõem, principalmente no que diz respeito às mudanças e permanências que fazem parte delas.

Dentre as diversas tradições existentes no território brasileiro, destaco a importância da contribuição dos africanos na construção de muitas delas que se mantêm até hoje. Um dos

¹ Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo. Bolsista CAPES. Contato: paulapivalinke@usp.br.

² Professora do Curso de Gestão Ambiental da Escola de Artes, Ciências e Humanidades e dos Programas de Pós-graduação em Ciência Ambiental e em Mudança Social e Participação Política da Universidade de São Paulo. Contato: shzanirato@usp.br.

exemplos é a Congada, uma celebração realizada em homenagem a santos católicos desde os tempos da escravidão.

Ainda hoje existem em todo o território brasileiros várias manifestações culturais intituladas Congadas, cada uma delas com suas características e peculiaridades. Destaco como objeto de estudo deste artigo, a Congada da Lapa, no Estado do Paraná, uma prática cultural que rememora o passado dos africanos, parte de sua cultura e que ressalta a contribuição dos afrodescendentes para a cultura brasileira.

O objetivo do texto é apresentar as mudanças vivenciadas no processo de celebração da Congada na cidade da Lapa e questionar as razões que motivam essas transformações. Para dar conta dessa discussão utilizo fontes variadas, como cadernos de folclore, jornais e revistas. Para análise desse material uso a teoria da análise do discurso.

Para tanto, o texto é organizado em três partes. Uma primeira onde se busca salientar a presença da comunidade negra em um Estado que muitas vezes negou e desconsiderou essa contribuição; em seguida, são discutidos os elementos que possibilitaram o desenvolvimento da Congada, a religiosidade e a importância de São Benedito para a comunidade negra e, por fim, a trajetória dessa celebração na cidade, seus momentos de ascensão e de refluxo. Ao final, são tecidas considerações a respeito das transformações que ocorreram na celebração e as razões que motivam essas transformações.

A presença negra na Lapa: religiosidade e festividade

A influência de práticas culturais africanas no Brasil é marcante. Dentre tais práticas pode-se citar os festejos que os escravizados criaram no Novo Mundo, como a coroação de reis negros que deu origem à Congada. Essa festividade existe “comprovadamente desde o início do século XVII, ganhando força no século XVIII, mudando de feições no século XIX e ocorrendo ainda hoje em várias localidades brasileiras” (SOUZA, 2006, p. 79).

É uma festa que traz consigo traços marcantes da escravidão africana e da vida dos escravizados: seus anseios, devoção e memórias. Tal celebração possui um caráter religioso, mescla das culturas africanas e do catolicismo, que expressa parte das condições de escravidão às quais os negros estavam submetidos.

Diante da angústia do cativo, restava apelar aos santos. Desta forma, “ligado intimamente às esperanças de dias melhores para os antigos escravos e seus descendentes, São Benedito ganhou, em seu louvor, danças e cantos em festas lendárias cheias de ritmo e de cor, chamadas Congadas” (CONGADAS, 1978, p. 12).

Devido à variedade de etnias e práticas culturais que formavam a população escrava do Brasil, a Congada incorporou elementos culturais distintos. A Congada é, por assim dizer, um “produto de encontro de culturas africanas e da cultura Ibérica”, com elementos de ambas, cujo resultado é “uma nova formação cultural, na qual os símbolos ganharam novos sentidos” (SOUZA, 2006, p. 18-9).

Embora haja historiadores que afirmem que a presença escrava no Paraná foi pequena e não contribuiu representativamente para a formação do Estado, estudos recentes revelam a participação dos negros nas mais diversas atividades econômicas e culturais, mostrando que sua participação, ainda que em menor número em relação a outros estados do Brasil, foi marcante (NASCIMENTO, 2009).

Essa presença deixou traços que sobreviveram e se mantêm vivos, seja em práticas ou nas memórias que fazem parte do cotidiano paranaense. Localizada nos Campos Gerais, próxima a cidade de Curitiba, no Estado do Paraná, a cidade da Lapa foi fundada em função do tropeirismo, por volta de 1731, às margens da estrada da Mata, um trecho do histórico caminho de Sorocaba-Viamão.

Para Nascimento (2009, p. 54), “presentes no território lapeano desde o século XVII, os negros possuem importância fundamental na formação econômica e cultural do município”. A presença negra na Lapa possibilitou a criação de “espaços físicos e simbólicos onde os escravizados praticaram momentos de solidariedade como [...] a Irmandade de São Benedito” (NASCIMENTO, 2009, p. 62). Essa presença sobreviveu ao sistema escravista e às transformações intensas ocorridas no Paraná no século XX e ainda se vê, por exemplo, na fé em São Benedito, na Irmandade de homens pretos, na capela dos escravos e nas Congadas (SOUZA, 2004) em diversas cidades em que essa manifestação permanece, assim como na Lapa.

Os elementos culturais como as danças, os batuques e os autos populares são expressões que rememoram os Reinos do Congo e Angola. As Congadas ocorreram na Lapa desde o período do Império.

A Congada remete a São Benedito, o santo com o qual os escravos se identificavam em face à crença em sua origem humilde. Segundo consta, ele havia sido filho de ex-escravos africanos e teve uma vida simples, dedicando-se ao mosteiro e atendendo aos necessitados. Devido à fé neste santo, várias congregações foram criadas em seu nome. Assim, a “a devoção a esse Santo na África, mais especificamente em Angola e na América, teve início no século XVII, propagada pelos franciscanos” (MATTOS, 2011, p. 168).

Originários de Angola, Moçambique, Congo e outras regiões africanas, os negros que vieram ao Brasil tiveram que adaptar suas crenças africanas à religião católica ensinada pelos padres portugueses, destacando-se a devoção a esse santo (CEZAR, 2008).

Para louvar São Benedito, os escravizados e seus descendentes passaram a realizar festas e a se organizar em irmandades leigas. Para Ville

O que caracteriza essencialmente a irmandade era a participação leiga no culto católico. Os leigos, os simples fiéis, assumiam e promoviam suas próprias atividades devocionais, sem necessidade da participação direta e constante dos padres e religiosos. São Benedito é o mais familiar dentre os Santos de cor e o seu culto desenvolvido na Europa alcançou imensa aceitação no Brasil, por parte de escravos, forros, mulatos e até mesmo brancos que se uniam em irmandades. [...] As irmandades uniam finalidades protetoras e religiosas, exercendo importante papel social. [...] Transformaram-se rapidamente em organizações beneficentes e de auxílio mútuo (2010, p. 07).

Tais elementos também estavam presentes na confraria de Homens Pretos da Lapa, criada em 1837:

[...] em 1837, os elementos de cor residentes na Vila Nova do Príncipe de Santo Antônio da Lapa se agruparam na irmandade de São Benedito, uma irmandade católica, apostólica, romana, mas sem o placê, o beneplácito da autoridade eclesiástica por via de certas dúvidas e crendices de que os negros teimavam em conservar, confundindo na mesma fé, o sagrado e o profano (BUENO, 1982, p. 02).

A instituição possibilitava o exercício do apoio entre seus membros, e um espaço para manter e criar crenças referentes à sua cultura de origem (REIS, 1991). Havia dentro das irmandades de homens pretos, assim como em outras, um espaço de socialização e auxílio entre seus membros.

Com a Congregação de São Benedito organizada, faltava um local específico para o culto. Para tal, a Irmandade de São Benedito, ainda em 1837, pelo seu procurador Rafael Caitano, pleiteou à Câmara Municipal da Lapa “a concessão de oito braças de terreno para edificar uma capela sob a evocação do milagroso Santo” (BUENO, 1982, p. 02). Justamente por ser considerada uma crendice, “nada lhes foi concedido, mas a capelinha tosca, quase clandestina, foi levantada” (BUENO, 1982, p. 02).

A devoção ao santo foi permitida como um modo de aliviar as tensões entre senhores e escravos além de ser também uma forma dos senhores demonstrarem poder e riqueza, através da competição entre as celebrações. Estes se valiam da encenação para pagar suas promessas e agradecer o que consideravam graças alcançadas.

Os festejos eram vistos como momentos de alegria e liberdade para os cativos, que rememoravam suas crenças e mantinham parte de sua cultura presentes na música e dança evocadas nessas ocasiões. Dessa maneira, “eram três dias de liberdade, além das longas horas de tolerância, que se distribuíam por dois ou três longos meses para os ensaios” (CONGADAS, 1978, p. 12).

A Irmandade cresceu, bem como a fé dos escravos e moradores da região. Com o passar do tempo a confraria foi reconhecida pelas autoridades eclesiásticas e teve seu compromisso oficialmente reconhecido:

Na Lapa, esta devoção a São Benedito vem desde a época da construção da Matriz de Santo Antônio. Havia próximo uma simples capelinha com uma imagem de São Benedito, que fora esculpida por um artesão local chamado Joaquim Antônio de Souza Maya, conhecido pelo apelido de Peteca, que a doou à Irmandade dos negros. Imagem esta, que depois de peregrinar por vários locais encontra-se hoje no altar-mor do Santuário de São Benedito, lugar de honra para um Santo tão venerado em nossa comunidade (VILLE, 2010, p. 07).

Em 1908 foi concluída a capela em homenagem ao santo, embora tenha sido inaugurada antes de seu término, em 1906. Sabe-se que,

[...] durante a revolução federalista, 1894, já existiam os alicerces da futura capelinha de São Benedito, inaugurada em 1906, sendo o vigário Monsenhor Lamartine Correa de Miranda. Muito bonita, sólida, a capelinha tornou-se exígua, na medida em que a influência aos festejos de 26 de dezembro trazia mais e mais gente de toda a parte. Graças ao trabalho do Monsenhor Falarz, mediante ajuda da comunidade, construiu-se, a partir de 1947, o Santuário de São Benedito (A CONGADA, 1972, s.p.).

O Santuário foi erguido com o apoio da população, que doava prendas para leilões e organizava festas para arrecadar fundos. Como resultado dessa cooperação, “no dia 15 de maio de 1947 foi lançada a pedra fundamental na parte fronteira do alicerce que circundava a antiga capelinha” (NASCIMENTO, 2009, p. 09). O Santuário de São Benedito foi oficialmente concluído 15 anos após lançada a pedra fundamental. A Irmandade de São Benedito teve papel excepcional ao recolher as doações e participar ativamente das atividades. Em função do grande número de devotos, o santo foi eleito oficialmente co-padroeiro da cidade (LACERDA, 1989).

A devoção que se iniciou com os escravizados e sua Irmandade adquiriu extensa aceitação entre os lapeanos, resultando, inclusive, na criação de um feriado específico para o santo, o dia 26 de dezembro, que, desde 1952, passou a ser feriado municipal, data modificada posteriormente, em 2005. Para Afonso,

O feriado municipal do dia 26 de dezembro, em homenagem a São Bendito, oficialmente datava de 20 de setembro de 1952, através da Lei Municipal nº 130. No entanto, no ano de 2005, foi aprovada pelo poder Legislativo Municipal a Lei de nº 1257, extinguindo o feriado do dia 26 de dezembro. [...] A história nos conta que o dia 26 de dezembro era celebrado como a data do natal dos escravos e havia a tradicional veneração do “Santo Negro”, inclusive com a dança da Congada (2010, p. 32).

Em 2010 o feriado voltou a dezembro e a cidade fez uma comemoração especial em função do restabelecimento da data, publicando também uma revista que conta parte da história do Santuário e da fé em São Benedito. Embora este Santo não seja o padroeiro da cidade, mas sim o co-padroeiro, é ele quem recebe as honrarias e possui uma das maiores igrejas do Paraná (AFONSO, 2010).

A devoção a esse Santo repercutiu não só na edificação, mas também em outras celebrações, como na Congada da Lapa.

A Congada da Lapa

A Congada que surgiu no período escravista é uma celebração mantida em algumas localidades no Brasil até a atualidade. Há quem diga que o ato fez parte da vida daqueles que o encenaram, bem como, muitas vezes, se confundiu com a história de vida desses indivíduos. Assim, “através das histórias individuais e coletivas que envolveram os reinados desses homens é possível perceber como os congadeiros tornaram a dança dinâmica e repleta de modificações e adaptações social [sic]” (NASCIMENTO, 2009, p. 118).

A celebração representa a disputa entre os reinos do Congo e Angola, que se desentendem e posteriormente voltam a unir-se para festejar São Benedito. Ela apresenta versos em língua nativa e a música também tem forte influência africana. É composta por 12 cenas: desfile inicial; fila do trono; dança dos fidalgos; a chegada da embaixada da rainha de Angola; entrada do embaixador; declaração de guerra; segunda guerra – luta entre fidalgos do congo e gente de Angola – prisão do embaixador; chegada dos prisioneiros à corte do congo; perdão real; entrega da embaixada; despedida do embaixador de Angola e desfile final de confraternização (FERNANDES, 1977).

A Congada da Lapa tem muita influência dos costumes da nobreza portuguesa, expressa na forma de organização da corte. Na corte do Rei Congo, além do soberano, há doze personagens, a Rainha, o Príncipezinho, o Príncipe, o Secretário, o Marquês, o Duque, e seis fidalgos. Essa influência provavelmente se deve “aos conhecimentos que tinham dos

antigos hábitos da nossa corte, que refletiam os dos antigos fidalgos portugueses” (CONGADAS, 1978, p. 12).

Isso também se verifica em versos e rituais gestuais, havendo maior fusão nos nomes dos personagens, geralmente em língua africana. Com a conversão ao cristianismo muitos africanos foram batizados com nomes portugueses, mas mantiveram também um nome africano.

Além disso, a indumentária dos personagens traz fortes elementos da cultura lusitana, incorporada em alguns reinos, como no do Congo. E, como em qualquer corte, também nessa se vê a hierarquia, com distinção da indumentária em relação ao cargo ocupado. Quanto maior o cargo, mais rica a indumentária.

A celebração, desde seus momentos de preparação, que giravam em torno de três meses, proporcionava alegria, pois era um período em que o trabalho era menos intenso:

Naquela época os escravos que encenavam a dança eram vestidos pelas famílias às quais pertenciam e que faziam questão de bem apresentá-los. Tratando-se de uma festa religiosa, o ato de vestir um congo era muitas vezes o pagamento de uma promessa feita a São Benedito. Roupas de seda e de veludo eram especialmente confeccionadas para a ocasião e o tablado das Congadas transformava-se num campo de disputa de riquezas entre as nobres famílias lapianas. O congo tinha o privilégio de usar as mais caras jóias da família de seu senhor (CASTRO, 1976, p. 69-71).

Juntamente com o papel religioso representado pela celebração, os elementos profanos que dela faziam parte revelam os múltiplos interesses por parte dos senhores, interesses religiosos e demonstrações de poder.

A celebração da Congada tornou-se objeto de estudo de diversos folcloristas, dentre eles o paranaense José Loureiro Fernandes, que publicou o caderno Congadas Paranaenses. Nele tratou-se da celebração, música, dança, indumentária. Um dos aspectos evidenciados em suas anotações é a indumentária. Por ser requintada e representar características do poder da corte portuguesa, recebeu atenção especial do folclorista. Segundo ele, no dia de festa os negros vestiam-se como a realeza, com jóias finas e roupas adequadas ao cargo que representavam. Não bastava ter apenas uma bela roupa; todos os acessórios deveriam estar de acordo com o restante do traje. Usavam-se jóias de ouro e pedras preciosas, tecidos finos, seda, veludo e brocados, tal qual um monarca verdadeiro.

O luxo também é apontado por pesquisadores que destacam que “a cultura material da Congada dos cativos era magnífica em trajes e adereços”, o que tornava a celebração “um mágico espetáculo que envolvia cores e danças” (NASCIMENTO, 2009, p. 155).

A roupa ajudava não somente a dar maior vivacidade à celebração, mas na medida em que o traje era usado como um meio de distinção e poder, auxiliava na construção simbólica dos poderes.

Com o fim da escravidão, parte da tradição de vestir os congos se perdeu. Não era mais do interesse dos grandes fazendeiros patrocinar tais festas; não havia mais sentido para os ex-senhores de escravos vestir negros livres: “Com a abolição da escravatura, o luxo e as riquezas desapareceram das Congadas” (CASTRO, 1976, p. 71).

No contexto pós-escravidão, apesar de manter a Congada da Lapa viva no decorrer dos anos, o grupo de afrodescendentes composto na maioria por parentes dos primeiros congadeiros que dançavam, foi perdendo prestígio e caindo no esquecimento dos lapeanos que não ofereciam apoio e nem recursos para a manutenção da tradição (NASCIMENTO, 2009, p. 118).

Ainda assim o festejo continuou, assumindo outras conotações, que não mais a fuga do trabalho e da opressão. Passou a ser um ato de rememoração da escravidão e de devoção cristã, permeado por elementos profanos, que já não eram tão bem vistos pela Igreja. A tradição da Congada foi mantida por algumas famílias, como um legado passado de pai para filho, que chegou a ser registrado em um caderno.

Não se sabe ao certo quem o escreveu o caderno, mas em meados do século XX um dos participantes da Congada registrou em um caderno todos os versos de cada personagem, recomendações para dança e forma de encenação. Esse material é um auxílio para a manutenção da prosa da encenação, das cantigas e ritmos.

A Congada da Lapa: trajetórias da celebração

Desde o século XIX, início das Congadas na Lapa, dentre os muitos personagens que compõem a encenação, o rei é o que possui maior prestígio. Cabe a ele manter a tradição e organizar os festejos. Os primeiros reis eram escravos que gozavam de autoridade perante os seus. O primeiro desses foi Tio Martinho. De acordo com Nascimento (2009, p. 119), “pouco se soube sobre o reinado de Tio Martinho, o primeiro rei Congo, escravo do Barão dos Campos Gerais. Seu sucessor, Tio Beija, reinou ainda no período da escravidão”.

A partir do momento em que a encenação saiu do patrocínio dos fazendeiros e ficou sob responsabilidade da Irmandade de São Benedito, tornou-se difícil manter o esplendor e beleza dos tempos anteriores.

Vestia-se, então, cada Congo por sua conta. Contavam com o auxílio de algumas famílias, e outros, com devotos de São Benedito, os quais, cumprindo promessas, ora vestiam um Congo, [...] fazendo uma criança da família dançar de conguinto (CONGADAS, 1978, p. 12).

Com o passar do tempo, novos indivíduos foram incorporados ao grupo e novos reis foram eleitos. Um destes reis foi Jordão da Rocha, membro da Irmandade, que desempenhou papel fundamental na conservação da Congada. Segundo Castro, “o rei dos Congos sempre foi uma figura muito respeitada pelos negros na Lapa. [...] O mais importante deles foi o Rei Jordão Rocha, [...], que reinou de 1913 a 1950. Foi durante seu reinado que a Lapa teve as maiores Congadas” (CASTRO, 1976, p. 71).

Jordão da Rocha conquistou o apoio das autoridades e da comunidade negra. Era sua responsabilidade passar adiante o conhecimento sobre a encenação dos congos, fazendo com que a tradição permanecesse com o grupo.

A Confraria, que iniciara independente do poder eclesiástico, como uma instituição leiga, depois de tanto tempo de existência via-se novamente sob a jurisdição da Igreja. Enquanto Jordão esteve vivo, a Irmandade teve seu compromisso atrelado ao poder eclesiástico. O compromisso era um documento que tinha cinco páginas e oito capítulos, datado de 21 de Fevereiro de 1946, e que estabelecia padrões de funcionamento para a Confraria. Nele não havia menção às congadas como elementos distintos.

Ainda que houvesse resistência por parte dos párocos em permitir a celebração, a Congada era a grande atração da festa de São Benedito. Benedicto Bueno publicou em 1969, no Jornal da Lapa, uma matéria que tratava da Congada:

Depois... Ah!... Depois vinha o leilão, as barraquinhas de quitanda, o levantamento do mastro com o asteamento da figura do santinho e, em seguida as Congadas! Que afobação! Que correria! O povo, em tal hora, esquecia os quitutes, as pescas miraculosas, os lances de leilão, e se apinhava em torno daqueles combatentes pujantes, que em vestes de milícia e armas em riste, compareciam para recordar com cantigas e danças os feitos bélicos de seus antepassados (BUENO, 1969, s.p.).

A reportagem se referia a um evento que lhe parecia cativante e que enfatizava “o soar dos tambores de guerra (que) trazia consigo o cortejo dos congos; e adentrava pela multidão, num majestoso abre alas, nhô Jordão, o rei dos congos, acompanhado de sua corte” (BUENO, 1969, s.p.). O modo como ocorria a celebração chamava a atenção do repórter e registra a importância que a mesma tinha naqueles anos, quando “mais de cinco mil pessoas, em média, participam das comemorações” (A CONGADA, 1972, s.p.). Nessas ocasiões, “as apresentações de começo a fim eram acompanhadas com delírio pelo povo que aplaudia

freneticamente aqueles artistas inatos que, com devoção infinita, rememoravam as façanhas de seus denodados ancestrais” (BUENO, 1969, s.p.).

Com o falecimento do Rei Jordão nos anos de 1950, muita coisa mudou. Iniciaram-se desavenças entre a Irmandade e os congadeiros, que alteraram a celebração e a relação dos membros da Congada com a Igreja.

Esta, desde muito tempo via com pouco apreço a celebração, argumentando que havia muitos elementos profanos que não condiziam com a realidade cristã. A Congada era considerada profana não somente pelas danças e batuques africanos, mas pelos elementos religiosos, visto que a missa, a procissão e outros rituais não faziam parte da celebração.

Ainda assim, outros reis subiram ao trono, mas enfrentaram dificuldades para manter a tradição. Nascimento faz uma breve narrativa sobre alguns dos reis que subiram ao trono: “Com a morte do rei Celeste em 1964, Sebastião Quintino foi eleito o novo rei Congo. Sua presença era solicitada com empenho nos ensaios e suas orientações eram indispensáveis para a realização das apresentações” (NASCIMENTO, 2009, p. 121). A autora prossegue afirmando que o grupo era coordenado com mãos de ferro pelo então Rei dos Congos, responsável por manter o grupo unido e passar os ensinamentos adiante; exigia-se disciplina das crianças e adultos, prezando pela boa execução da música, dança e poesia.

No entanto, apesar dos muitos esforços do grupo, foram inúmeras as dificuldades de manutenção da tradição durante o reinado do rei Sebastião, de modo que,

[...] em 1973, a Congada estava sem rei. O cargo foi disputado pelo Secretário e pelo Embaixador, devido ao fato de que o último monarca Sebastião Quintino fora destituído de seu cargo por ter cometido um crime, não oferecendo mais respeito entre seus vassalos (NASCIMENTO, 2009, p. 122).

É da tradição que todo rei do Congo deva apresentar conduta exemplar perante seus súditos e a Irmandade. Este é um requisito fundamental para tornar-se rei. Não se ganha respeito por ser Rei, o indivíduo deve ser respeitado para se tornar rei; trata-se de uma conquista dada pelo caráter e índole. O crime cometido por Sebastião Quintino não permitia mais sua presença como rei do Congo, o que não só levou à desestabilização do grupo, como a celebração passou a ser mal vista pela restante da comunidade lapeana (CASTRO, 1976).

Nascimento relata que após a saída do rei Sebastião Quintino, aos poucos o grupo foi enfraquecendo e se desfazendo. Os membros sofreram rotulação “da sociedade, que não aceitava o episódio ocorrido com o rei. Devido a estes fatores, a Congada ficou parada durante dezessete anos” (NASCIMENTO, 2009, p. 122-3).

Embora sem um rei definitivo, alguns membros ainda tentaram manter a tradição, mas o grupo já não tinha mais credibilidade perante a sociedade. As Congadas deixaram de ser encenadas regularmente. A celebração ocorreu novamente em 1977, já numa conjuntura diferente. Nas palavras de Nascimento,

Composta por aproximadamente trinta e dois membros, além de duas arrumadeiras que cuidavam das vestimentas e auxiliavam na hora da apresentação, a Congada realizada em 1977 refletia em suas roupas e adornos o pouco brilho dos tempos em que as vestes eram financiadas pelos senhores e os acessórios emprestados pelas sinhás. Confeccionadas pelos próprios membros, não havia uma uniformidade de cores nas roupas, variadas a cada exibição. O cetim, antes utilizado nas blusas, tinha sido substituído por um tecido mais barato, mas a presença das miçangas e do bordado continuava constante em quase todo o vestuário dos congadeiros (2009, p. 122).

Em seu caderno de folclore Congadas Paranaenses, de 1977, Fernandes deixava claro o empobrecimento dos trajes e salientava a falta de apoio da comunidade e de dinheiro para as roupas (FERNANDES, 1977). As modificações que ocorreram nas vestes dos congueiros mostravam que os trajes que antes pertenciam a alta nobreza foram substituídos por peças mais simples, sem contudo deixar de expressar a riqueza e a cultura popular.

A luta dos congos em manter a encenação e também a decepção destes ao enfrentar as dificuldades foram registradas: “São mais de duas horas de representação sob os olhares atentos do público com muitas palmas e aplausos no final. É a única recompensa que os congos recebem pelo trabalho que realizam” (CASTRO, 1976, p. 77). No registro, há a ênfase de que a encenação era complicada, com muitos elementos diferenciados, duas horas sob o sol quente com vestes pesadas, cantando e dançando o tempo todo; a apresentação requeria boa memória para lembrar os versos e coreografias, bem como disposição e preparação física. O contexto todo parecia ruim:

Depois da encenação, o Secretário José Benedito está decepcionado: o alto-falante funcionou mal, o amplificador falhou no meio da representação, a Igreja ajudou pouco, os ensaios são difíceis, a garotada não leva a sério e no final, sem ganhar nada, só há chateação (CASTRO, 1976, p. 77).

A encenação já não tinha mais a força de antes. Os membros do grupo não tinham mais o mesmo interesse; tornava-se difícil manter uma tradição sem o envolvimento dos indivíduos que dela faziam parte. Equipamentos inadequados, falta de apoio da Igreja e o desinteresse dos mais jovens eram considerados os elementos que dificultavam o processo de celebração da Congada.

Lacerda (1989) afirma que um dos períodos de maior dificuldade se refere ao final dos anos de 1970 e início da década de 1980. Aos poucos não somente a congada, mas a festa de São Benedito foi se desgastando e não mais atraindo fiéis, que se viam presos aos compromissos de fim de ano. Para Lacerda (1989, s.p.), “até 82 ou 83, os festejos tinham data fixa, 26 de dezembro, espécie de feriado local, por todos considerado o Dia de São Benedito”.

Devido à sequência do feriado de Natal, a Igreja mudara a data de comemoração para o 2º domingo de dezembro. Entendia que os festejos imediatamente após o Natal exigiam que a comunidade estivesse presente na organização, e que muitas pessoas recebiam visitas ou não tinham tempo para participar. A mudança não foi bem vista pelo grupo de congos, mas a decisão havia sido tomada (LACERDA, 1989).

As divergências entre o grupo dos congos e a Irmandade vinham de longa data e cresceram, levando à separação dos dois: “Ocorreram crises internas na Irmandade [...] e o rompimento das relações entre os que encenavam o auto popular e os irmãos da mesa diretora” (NASCIMENTO, 2009, p. 118).

Com a separação, parte da tradição se perdeu. No tempo dos escravos pertencer à Irmandade e fazer parte do grupo de congos era motivo de orgulho entre os pretos; significava ter auxílio dos irmãos nos momentos difíceis. A Irmandade e os congos eram uma coisa só; existiam com o objetivo de louvar o Santo e ter um momento de festejo, rememorando suas crenças.

Não obstante, como a cultura e a tradição são dinâmicas, isso não significou o fim da celebração. Ainda que tenha havido um intervalo de 17 anos, em 1994 ela voltou a ser encenada.

A volta deveu-se ao empenho de membros do congo e do descendente do último rei. Para isso foi estabelecida a Fundação Cultural Afro-lapeana - Lapa, em 16 de janeiro de 1994 (nome provisório), que encaminhou um ofício à Prefeitura, pedindo auxílio para a revitalização da Congada. Segundo o documento, “há aproximadamente 15 anos a congada da Lapa desapareceu. No entanto, com um trabalho iniciado em setembro de 1993” (MARTINS, 1994, p. 01), iniciou-se uma tentativa de revitalização Congada.

Era uma expectativa para revitalizar a encenação e, ao mesmo tempo, incentivar a comunidade a participar do processo. Constava no Ofício:

O objetivo deste é cientizar V. Sa. do fato e solicitar ajuda para a campanha ADOTE UM CONGO. Certo de que a situação econômica dificulta um único órgão ou instituição de patrocinar-nos, estamos voltando ao fato histórico em que cada família vestia seu congo (MARTINS, 1994, p. 01).

A demanda parecia ter dado certo, pois, conforme reportagem do jornal local,

O rei do Congo, personagem mais importante da Congada – procurou a prefeitura e, após anos de insistência, recebeu o sinal verde para que a Congada voltasse a ser encenada. A Secretária da Cultura Valentina Piovezam Batista, ofereceu total apoio e liberou os recursos financeiros para a confecção das roupas do grupo (BROWNE, 1997, p. 05).

A Secretaria da Cultura auxiliou o grupo com a indumentária e possibilitou o retorno das Congadas à festa de São Benedito. No entanto, não se trata apenas do retorno da Congada, mas da mobilização e reestruturação dos envolvidos no processo, que anteriormente faziam parte da irmandade de homens pretos da Lapa; ou seja, buscou-se o resgate da encenação e do que ela representa para a comunidade negra lapeana.

Devido a essa mobilização a Congada voltou a ser encenada em 1994, mas de forma inconstante. Nesse mesmo ano foi fundada a Associação Pelourinho, com Sebastião Quintino como presidente de honra. A referida associação tinha como objetivo preservar a cultura e a tradição africana, sendo a Congada a principal manifestação existente (NASCIMENTO, 2009).

No entanto, cabe ressaltar que “apesar dos esforços da associação para manter a Congada, a dança efetuada anualmente não ocorria com frequência, e três anos depois, recebendo apoio financeiro da Prefeitura Municipal, foi realizada em 13 de junho a encenação no aniversário da cidade” (NASCIMENTO, 2009, p. 123).

Apesar do apoio da prefeitura, a Congada ainda enfrentava problemas, como a irregularidade da data e do local de comemoração.

O apoio da prefeitura não havia sido suficiente para o grupo se restabelecer. Muitos não tinham interesse e tornou-se difícil manter os ensaios para as apresentações. Quando parecia que a crise se instalara em definitivo dentro da comunidade, surgiu, em 2004, um projeto de revitalização que teve o apoio do Ministério da Cultura/Lex de Incentivo à Cultura, patrocinado pela Petrobras, em parceira com a Lux Agência de Desenvolvimento. Nascimento diz que

Durante o período de revitalização foi realizado um resgate das vestimentas e dos adornos através de fotos, reportagens de jornal e da tradição oral. Em 2004, o encantamento das danças, da música e do figurino estava de volta. Usando uma coroa dourada repleta de pedras preciosas, cetro real, capa vermelha e branca com correntes douradas, abotoaduras vermelhas, calça branca com detalhes dourados, luvas brancas e anel real, o rei Miguel entrava em cena com o Grupo Congada da Lapa (2009, p. 125).

O projeto de revitalização proporcionou ao grupo encenar uma Congada requintada em seus elementos coreográficos, musicais e com a indumentária considerada pertinente à corte e à embaixada que se apresentam. Acessórios, roupas e adereços novos conferiram aos personagens maior elegância e faziam com que a celebração pudesse ser representada com esplendor.

A revitalização contou com aulas de música e ensaios específicos com coreógrafos e instrumentistas, com vistas a melhorar a apresentação. Os instrumentistas receberam

[...] aulas de música para que executassem seus instrumentos com primor. Nos ensaios gerais, era realizada a marcação dos passos da coreografia em sintonia com as falas e a música, onde a participação dos meninos chamados de conguinhos recebeu atenção especial, pois é nos pequenos “piás” que os membros mais velhos veem a perpetuação da tradição. [...] Alguns são filhos de antigos congadeiros e ocupam sucessivamente o cargo de seus pais (NASCIMENTO, 2009, p. 126).

Todavia, indícios de que nem tudo estava bem já se manifestavam, por exemplo, quando muitos não entendiam nem respeitavam a celebração e não aprovavam sua apresentação, vista como um entrave à normalidade da cidade. O preconceito e o desinteresse eram desafios que o grupo de congos enfrentavam:

Para realizar a Congada da Lapa, atualmente os congadeiros ainda enfrentam problemas, pois é com grande dificuldade que as ruas são liberadas ocorrendo a presença de carros com som alto que passam ao lado da apresentação. Além desses fatores, a festa no Santuário de São Benedito ocorre concomitantemente ao auto popular; os congadeiros são alvos de preconceito devido à sua cor da pele; e os próprios católicos, devotos de São Benedito, desconhecem a origem da dança e não a apreciam quando é apresentada (NASCIMENTO, 2009, p. 118).

O preconceito que permeia a sociedade brasileira se avoluma em um estado que se orgulha da presença do imigrante europeu, branco e bem sucedido. O pré-conceito reside em se tratar de “coisas de pretos”, e que a celebração profana o cristianismo.

Isso explica o porquê do grupo de congos contar, em 1994, com 44 componentes (BROWNE, 1997), e em 2004, mesmo com o apoio da Lei de Incentivo à Cultura, haver apenas 48 componentes.

As mudanças políticas, sociais e culturais dos séculos XIX, XX e XXI, a desvinculação entre o grupo de congos e a Irmandade, o preconceito em relação à celebração e aos seus componentes, bem como as dificuldades em conseguir apoio das autoridades são alguns dos elementos que afetavam a continuidade da prática.

Uma vez mais, agora em meados da primeira década do século XXI, a Congada enfrentava outra crise:

O auto popular na Lapa vivenciou períodos de auge e de parada, momentos em que suas apresentações eram prestigiadas pela população e momentos que era contemplada apenas por estudiosos, familiares e alguns curiosos. Os períodos de brilho e esplendor relatados no tempo do cativo, posteriormente foram alterados por longas paradas que estabeleciam desânimo e o esquecimento da tradição de dançar para o Santo negro (NASCIMENTO, 2009, p. 105-6).

Ainda assim, não se pode dizer que a tradição esteja perdida; o vai e vem da encenação, as oscilações entre o esplendor e a recato das celebrações expressam a insistência e o dinamismo de uma cultura que teima em se fazer presente num Paraná que pouco (re)conhece da presença negra.

Considerações finais

A Congada passou por uma série de mudanças. Neste momento sua expressão está relacionada com as lutas pela conservação de uma cultura e tradição de afrodescendentes que buscaram restaurar a celebração e suas contribuições por meio da criação da Fundação Cultural Afro-lapeana, em 1994. Esse dinamismo próprio da cultura carrega consigo diferentes significados, seja para os que a encenam, seja para aqueles que a assistem, ou para aqueles que se debruçam para escrever e ler sobre ela.

A maioria das mudanças que se marcam ao longo da trajetória da Congada da Lapa tem origem nas dificuldades encontradas por aqueles que participam da manifestação. Essas dificuldades expressam os percalços dos negros e seus descendentes em afirmar sua contribuição para a formação da cultura e da identidade da cidade da Lapa e do Estado do Paraná. A trajetória da Congada da Lapa, com suas mudanças e permanências, faz parte das muitas histórias que buscam manter vivas as memórias e suas raízes.

Cabe ressaltar aqui a trajetória da encenação que se enfraqueceu com o passar do tempo. O episódio ocorrido com o Rei Sebastião Quintino e a perda do apoio da sociedade lapeana levaram a celebração a uma crise, que permanece até a atualidade, pois mesmo com a criação da Associação Pelourinho e a revitalização da encenação por meio da Lux Agência de Desenvolvimento, há ainda dificuldades que se expressam no reconhecimento do valor da encenação enquanto expressão cultural da Lapa. A dificuldade em encontrar membros e obter

apoio da Igreja e da comunidade representa o dinamismo e o vai e vem da mesma, que permanece, mesmo com as dificuldades e inconstâncias.

Referências

- A CONGADA é o seu Folclore. *Gazeta do Povo*, 1972, s.p.
- AFONSO, João Renato Leal. 26 de dezembro volta a ser feriado na Lapa. In: *O Santuário; Santuário diocesano de São Benedito: sonho de todo devoto, paixão de todo lapeano*. Nº1, dezembro de 2010
- BROWNE, Rodrigo. Festa em Homenagem a São Benedito. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 21 de dez de 1997. Caderno G;
- BUENO, Benedicto. Noticiando, comentando, recordando. *A Tribuna Regional*. Lapa, Ano VI, nº 287, p. 02, 25 de jan, 1982, p. 02.
- BUENO, Bendicto F. Congadas inesquecíveis. *Jornal da Lapa*. Lapa. Junho de 1969, s.p
- CASTRO, Haroldo; CASTRO, Flávia de Faria. Paraná: Festa dos Congos da Lapa. *Revista Geográfica Universal*. N º 18, p. 66-77, Março de 1976, p. 71.
- CEZAR, Lilian Sagio. *A utilização de conjuntos de imagens fotográficas no jornalismo enquanto uma das formas de representação da Congada nos media*. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/17/04.html?studium=index.html> Acesso em: 15/12/2008.
- CONGADAS Paranaenses. *O Estado do Paraná*. Curitiba, 10 de ago. 1978.
- FERNANDES, José Loureiro. *Congadas Paranaenses*. Rio de Janeiro: MEC; Fundação Nacional de Arte – FUNARTE, 1977.
- LACERDA, Francisco Brito de. São Benedito, o preto. *O Jornal da Lapa*, Jan/Fev 1997 – Texto originalmente publicado em 1989.
- MARTINS, Alaerte Leandro. *Of. Circ.n.nº01/94*. Lapa, 16 de janeiro de 1994, p. 01.
- MATTOS, Regiane Augusto de. *História e cultura afro-brasileira*. 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- NASCIMENTO, Cláudia Bibas do. *Múltiplos olhares sobre a presença negra na Lapa – Paraná: história e arqueologia (séculos XIX E XX)*. Tese (Doutorado em História), Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica, 2009.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. 3º edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SOUZA, Jurandir de. Paraná Negro. *Africaxé*, Curitiba, Ano I, nº I, p. 02-08, ago. 2004.

SOUZA, Marina de Mello. *Reis Negros no Brasil Escravista: História da festa de coroação de rei congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

VILLE, Vilma P. Irmandade de São Benedito. In: *O Santuário; Santuário diocesano de São Benedito: sonho de todo devoto, paixão de todo lapeano*. Nº1, dezembro de 2010.